

O E S S E N C I A L S O B R E

Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Daniel Pires

M IMPRENSA
NACIONAL

IMPRESSÃO
E DIGITAL

IMPRESSÃO E DIGITAL SÃO PAULO SP BRASIL

O ESSENCIAL SOBRE

Manuel Maria de Barbosa du Bocage

O E S S E N C I A L S O B R E

Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Daniel Pires

Índice

- 7 **I – O homem e as suas circunstâncias**
- 33 **II – O legado de Bocage**
- 67 **III – «Posteridade, és minha!»**
- 75 **Bibliografia ativa de Bocage**
- 77 **Bibliografia passiva de Bocage**

I – O homem e as suas circunstâncias

A época

Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) conheceu dois regimes: o consulado de Sebastião José de Carvalho e Melo, de cunho reformista, e a «Viradeira», impulsionada por D. Maria I na sequência do falecimento de D. José, que, como o nome sugere, anulou uma parte considerável das medidas pombalinas. Mais tarde, assistiu à eclosão da Revolução Francesa, facto histórico que teve repercussões universais de vulto. No nosso país, a nobreza, classe dominante, temendo uma evolução política semelhante, fortaleceu o aparelho de Estado, estando as forças armadas, a Inquisição, a Intendência Geral da Polícia e a Censura atentas ao mínimo sinal de sedição ou de descontentamento. Os ideais da Revolução Francesa, o livre-pensamento, a divergência de opiniões, a heterodoxia e a *praxis*

maçónica eram perseguidos, tendo-se acentuado o estatuto periférico de Portugal, país situado a uma distância significativa de Madrid, Paris, Londres, Berlim e São Petersburgo, metrópoles europeias hegemónicas.

A terra natal

Setúbal era habitada por pouco menos de 12 000 pessoas; tinha todas as condições para singrar: clima ameno, muita água, terra fértil e múltiplas belezas naturais. A economia florescia graças sobretudo ao sal, cuja qualidade ombreava com a dos melhores do mundo, sendo a sua procura igualmente exponenciada pelo baixo preço no mercado. O porto, amplo e profundo, era frequentado, ao longo do ano, por cerca de 450 navios estrangeiros, oriundos maioritariamente dos países nórdicos. O peixe e a fruta contribuía também para a saúde económica desta então vila, que fora assolada pelo terramoto de 1 de novembro de 1755, dia em que se conjugaram, de forma letal, um sismo, um maremoto e múltiplos incêndios; estes, em Lisboa, e, presume-se, em Setúbal, considerando a exiguidade de recursos e o facto de as construções serem de madeira, só ao fim de vários dias foram dominados. A consulta dos livros paroquiais permite-nos concluir que, apesar da dimensão do desastre, o número de vítimas não terá excedido um milhar. Em contrapartida, na capital do reino terão perecido cerca de 30 000 pessoas.

A família

No dia 15 de setembro de 1765, os Barbosa du Bocage exultaram com o nascimento de mais uma criança, a quarta, Manuel Maria. Eram membros da burguesia, uma classe em ascensão, economicamente determinante, que persistia em se afirmar e em se assumir como crítica da nobreza.

A mãe, Mariana Joaquina Xavier du Bocage, descendia de um cidadão francês que, no final do século XVII, no contexto da reorganização da Marinha, se radicara em Portugal. Cabia a este ramo das forças armadas enfrentar uma hipotética invasão espanhola, por via marítima — ameaça que pairava desde a revolução de 1640 —, combater os piratas que operavam nas nossas costas e enfrentar os corsários, que atacavam os navios nacionais durante as viagens transoceânicas. Gilles Hedois du Bocage desempenhou cabalmente esta missão e manifestou a sua coragem na defesa do Rio de Janeiro (1711), cidade que fora sitiada pelos franceses, e, ao lado das forças pontifícias, na batalha de Matapão (1717). Empreendedor de vulto, aquele normando era ainda coproprietário de um navio que assegurava o comércio internacional.

A instabilidade caracterizou o agregado familiar. O pai do poeta, José Luís Soares de Barbosa (1728-1802), formou-se em Cânones, no ano de 1749, pela Universidade de Coimbra. Desempenhou o cargo de síndico em Setúbal e fez várias comissões na província, ao serviço da Casa do Infantado, estando, portanto, com frequência, ausente do lar. Tudo se agravou sobremaneira quando, em 1771, foi posto a ferros no Limoeiro, acusado de não

ter feito a entrega ao erário público da dízima que recebera, três anos antes, na comarca de Beja, da qual era ouvidor. A acusação não tinha fundamento; porém, como a pessoa que cometera o delito era protegida do rei D. Pedro III, o processo tornou-se irreversível e a sua carreira de jurista estatal ficou indelevelmente comprometida.

A saúde da mãe era frágil: faleceu pouco antes de Manuel Maria ter completado 9 anos, tragédia por ele evocada, com liberdade poética, em dois versos lancinantes: «Aos dois lustros a Morte devorante / Me roubou, terna Mãe, teu doce agrado.»

Instrução

Mariana acompanhou as primícias escolares de Bocage, do seu irmão Gil e, de forma bastante diferente, como era então usual, das filhas. Um papel igualmente ativo poderá ter também desempenhado a tia Antónia Inácia. Sendo filhas de um cidadão normando, deverão ter-lhe ensinado, desde muito cedo, o francês, língua que o escritor dominava com proficiência, como atestam as múltiplas traduções rigorosas que levou a cabo.

As sucessivas colisões do Marquês de Pombal com os Jesuítas — quer no Brasil, no âmbito da atividade da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, quer no continente português, na sequência do terramoto de 1755 e da tentativa de regicídio, perpetrada em 1758 — tiveram como epílogo a proibição de aquela ordem religiosa ministrar o ensino, domínio em

que, durante cerca de 200 anos, fora hegemónica. Seguiu-se uma ampla reforma, de que Bocage usufruiu. Com efeito, frequentou entre os 7 e os 10 anos a «escola de aprender a ler, a escrever e a contar», tendo-se matriculado, em seguida, numa «escola menor», de acordo com a terminologia então vigente, na qual eram lecionadas as seguintes disciplinas: Gramática Latina (que acompanhava de perto o ensino da língua portuguesa), Grego e Retórica. A religião, omnipresente na sociedade do século XVIII, era considerada imprescindível para a formação das crianças.

A família incentivou, desde muito cedo, a sensibilidade e a arte de versejar de Bocage. O pai compunha poesia e frequentava encontros literários; a tia-avó, Madame du Bocage — interlocutora epistolar de Voltaire, poetisa de vulto e autora de *La Colombiade*, uma epopeia de homenagem a Cristóvão Colombo — era uma figura tutelar nos serões culturais. As belas-letas estavam, portanto, no «código genético» de Bocage, como ele, por diversas vezes, assinalou:

«Versos balbuciei co'a voz da infância!
Vate nasci; fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril, macio e louro
Semelha o mimo da virgínea face...»

A carreira das armas

No século XVIII, o filho primogénito tinha um estatuto privilegiado: beneficiava frequentemente de mais oportunidades do que os irmãos. Gil

optou pela profissão do pai, matriculando-se na Universidade de Coimbra, na qual se formou em Leis, na década de 90. Em contrapartida, o futuro escritor, sem alternativas, atingidos os 16 anos, seguiu a carreira das armas. Tal opção, que contou com o beneplácito paterno, imprescindível para se alistar no exército, veio a revelar-se desastrosa, porquanto era manifesta a sua falta de vocação.

Serviu como soldado no Regimento de Infantaria de Setúbal, de 1781 a 1783, nada havendo a enfatizar nos documentos militares existentes. Ali fez amizades duradouras e conviveu com o sargento-mor Miguel Tibério Pedegache, um ensaísta e humanista consagrado, crítico da sociedade, do obscurantismo e do fanatismo, cuja curiosidade científica o levou a ponderar as linhas de força do terramoto de 1755. Intui-se, apesar da pronunciada diferença de idades — 35 anos —, a cumplicidade literária que os uniu.

José de Seabra da Silva, colega do pai de Bocage no curso de Cânones na Universidade de Coimbra, Ministro do Reino que o protegeu durante toda a vida, terá aconselhado o mancebo a alistar-se no exército, para poder, num futuro próximo, atingir o oficialato. Conhecedor dos meandros da política nacional, sabia que estava para breve a abertura da Academia de Guardas-Marinhas, instituição cuja existência se impunha para reforçar o poderio dos navios de guerra. Tal veio a acontecer em 1783, sendo Bocage um dos primeiros 48 cadetes que a frequentou. Eram, à exceção do poeta, oriundos da nobreza.

O curso, ministrado no Arsenal da Marinha, incluía no currículo disciplinas que se prendiam

com o conhecimento técnico das artes de navegar e de combater: Desenho e Arquitetura Naval, Aparelho do Navio e Manobra, Francês, Matemática e Geometria assim como Artilharia, Manejo de Armas e Evoluções (que incluía esgrima e armas de mão). O «Código de Disciplina Militar» era deveras rígido, pois estava em causa a preparação de oficiais que iam entrar em ação; além disso, invadia a esfera privada dos cadetes, proibindo-os de se casarem e de frequentarem locais de diversão, bem como festas consideradas pouco dignas de alguém que pertencia a um estatuto social elevado.

Bocage entrou em conflito não só com a instituição, mas também com alguns dos seus camaradas de armas. A falta de vocação conduziu-o à angústia e esta à doença, tendo-lhe sido permitido, mais do que uma vez, debelar as suas enfermidades no lar paterno. Ao fim de cerca de seis meses, optou pela deserção, crime que era punido de forma exemplar. Recorreu, em 1784, à mais estrita clandestinidade. A insegurança e o desassossego dissiparam-se no ano seguinte: dois príncipes espanhóis (D. Carlota Joaquina e D. Gabriel) contraíram matrimónio com dois príncipes portugueses (D. João e D. Mariana Vitória), tendo sido decretada por D. Maria I uma amnistia para todos os desertores. Bocage foi reintegrado e, embora não tivesse concluído o respetivo curso, meses depois foi mobilizado para servir na Índia, como guarda-marinha. Uma vez mais, a mão de José de Seabra da Silva interveio, sendo determinado que a formação em falta seria adquirida em Goa, na Aula Real de Marinha, fundada, em 1784, pelo governador Frederico

Guilherme de Sousa Holstein, compromisso que não foi cumprido, apesar de o escritor nela se ter matriculado duas vezes.

Bocage e o Oriente

Em abril de 1786, partiu para o Oriente, a bordo da nau de viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo António e Madalena*. Fez escala no Rio de Janeiro, onde se encontrava o futuro governador da Índia. A estadia foi breve, pois o navio transportava 163 degredados. Francisco da Cunha e Meneses e a sua comitiva instalaram-se rapidamente e a viagem prosseguiu, com uma escala, que durou cerca de três dias, na Ilha de Moçambique, então a capital desta colónia.

Em finais de outubro, o navio ancorou em Goa. Pouco depois, Bocage foi integrado na comitiva de Frederico Guilherme de Sousa Holstein, que, terminada a sua missão ao leme do governo, regressou a Portugal. Eis um enigma da biografia do autor que fica agora esclarecido. Os documentos militares assinalam que se ausentou por «causa legítima», mas nada dizem relativamente ao seu afastamento temporário do território; em contrapartida, sabe-se, de fonte segura, que permaneceu alguns meses em Portugal. Estavam em jogo interesses de carácter económico ponderosos, no domínio do comércio de lanifícios, que necessitavam, para serem concretizados, de autorização régia. Bocage, por ter relações privilegiadas com José de Seabra da Silva, Ministro do Reino, poderia desempenhar um papel importante na obtenção das licenças

necessárias. Em Lisboa, o poeta, Frederico de Sousa Holstein, Lucatelli, um negociante italiano, e alguns companheiros de viagem foram convidados por William Beckford para jantar no palácio onde residia. O famoso escritor inglês, deveras impressionado, registou no seu diário este encontro, depoimento que constitui, eventualmente, a mais verídica descrição de Bocage que se conhece:

«Um mancebo pálido, de compleição fraca, de olhar e modos excêntricos, o Sr. Manuel Maria, a mais fora do comum, mas talvez a mais original das criaturas poéticas formadas por Deus. Sucedeu achar-se numa daquelas disposições de espírito, de entusiasmo e de exaltação que, à semelhança do sol no pino do Inverno, brilham quando menos se espera; milhares de ditos peculiares, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satíricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andávamos a tombos com riso; mas, quando começava a recitar algumas das suas composições, nas quais a profundidade de pensamento se mistura com os rasgos mais patéticos, senti-me abalado, comovido. Em verdade, pode dizer-se que este carácter extravagante e versátil possui a verdadeira varinha de condão, com que, a seu bel-prazer, anima ou petrifica.»

Como a missão que o trouxe a Portugal não foi bem-sucedida, regressou a Goa. Na Índia, a animosidade que sentia relativamente a alguns dos seus habitantes mais destacados era evidente. Não lhes

perdoava a tentativa de sublevação contra a soberania portuguesa, a «Conspiração dos Pintos», ocorrida, pouco antes, em 1785; criticava-lhes a vaidade, o ridículo das pretensões, a inveja, a insensibilidade poética e o novo-riquismo. Compôs então diversas sátiras, sendo algumas de particular violência:

«Das terras a pior tu és, ó Goa,
Tu pareces mais ermo que cidade,
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.»

O seu carácter impulsivo e, quiçá, a falta de prudência conduziram-no a colisões com alguns autóctones mais influentes, e a intriga e a insídia de imediato o acometeram. Em 1789, foi promovido a primeiro-tenente do Exército e, em seguida, mobilizado para Damão. Chegou a esta praça, a bordo da fragata de *Santa Ana e São Joaquim*, no dia 6 de abril; dois dias depois, desertou, acompanhado de um alferes, que se encontrava crivado de dívidas.

A decisão de Bocage ter-se-á prendido, segundo reza a tradição, com a liberalidade e a beleza exótica de Manteigui, corruptela de Ana de Mondetegui, oriunda de Damão, que residia em Surrate, um porto preponderante, situado a cerca de 150 quilómetros de Damão, o qual assegurava a ligação marítima ao Extremo Oriente e era frequentado, sobretudo, por navios ingleses da poderosa Companhia Britânica das Índias Orientais.

Os mil sortilégios fantasiados dissiparam-se e deram lugar à crua realidade: a fome visceral e a insegurança passaram a marcar indelevelmente

o seu quotidiano. Cantão foi a paragem seguinte, talvez devido à sua proximidade de Macau, cidade que lhe poderia proporcionar o regresso à terra natal. Porém, a penúria não lhe dava tréguas, como o próprio autor confessou:

«Misérrimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!»

O pesadelo terminou quando travou conhecimento com Joaquim Pereira de Almeida, sobrecarga do navio *Marquês de Angeja* e negociante influente, cujo papel se prendia com a aquisição de mercadorias — sobretudo, chá e seda — naquele nevrálgico porto chinês.

Em finais de setembro, Bocage conheceu Macau pela mão daquele seu patrono. Só assim se compreende o facto de não ter sido detido pelo crime de deserção. Em contrapartida, o colega de viagem conheceu o cárcere e foi escoltado para Goa, onde respondeu perante um tribunal militar.

Em Macau, residiam apenas cerca de 100 portugueses. Neste território compôs algumas odes de homenagem às pessoas que o protegeram e uma sátira, sendo esta um documento político e social relevante:

«Um governo sem mando, um bispo tal,
De freiras virtuosas um covil,
Três conventos de frades, cinco mil
Naires, chatins, cristãos, que obram mui
mal [...]»

De regresso ao reino

Macau era uma pequena urbe com uma economia incipiente. Longe estava a época dos negócios com o Japão, que a tinham enriquecido no século anterior. Em janeiro de 1790, o navio *Marquês de Angeja*, passado o período crítico das monções, fez-se ao mar. Sete meses depois, Bocage reencontrou Lisboa, possuído por um misto de franca alegria e de profunda preocupação. Iria abraçar os familiares, nomeadamente o pai, contemplar Gertrúria, a amada que o acompanhou, na mente e no coração, durante o périplo oriental, como se infere da leitura da sua poesia de juventude, e abraçar os amigos da infância e da adolescência. Porém, a incerteza minava-o, pois desertara do seu posto, em Damão, ato em que era reincidente. Alimentava, então, a esperança de que José de Seabra da Silva lhe pudesse, uma vez mais, valer. A estada em Setúbal acentuou os seus traumas: o pai continuava prisioneiro de uma acusação infundada, preparando-se as Finanças para proceder a um arresto dos bens familiares, e Gertrúria contraíra matrimónio com Gil du Bocage, seu irmão. Mas nem tudo era desastroso: soube, com júbilo, que a sua situação militar estava regularizada, visto que os desertores tinham sido amnistiados por um decreto datado de 14 de julho de 1789.

Lisboa

Alquebrado por aqueles dramas familiares, permaneceu muito pouco tempo na sua terra natal, não

havendo notícia de ali ter regressado. Radicou-se na capital, que apresentava diferenças evidentes, se comparada com a que deixara aquando da sua partida para a Índia. Com efeito, a eclosão da Revolução Francesa alterou significativamente a Europa. Portugal, apesar de estar situado na periferia, não fugiu à regra. Na verdade, a nobreza nacional temia que algo de semelhante pudesse ocorrer no país. Os portos encontravam-se vigiados, os locais de sociabilidade — cafés, botequins, casas de pasto, tabernas, feiras e o Passeio Público —, a mando de Diogo Inácio de Pina Manique, intendente geral da polícia, não escapavam aos agentes infiltrados que perscrutavam a subversão, a Censura redobrava de energia em busca de textos considerados deletérios e a Inquisição, embora menos severa desde o regimento pombalino de 1774, mantinha-se atenta às alegadas heresias e à ação críptica da Maçonaria. Como corolário da repressão generalizada, as cadeias estavam superlotadas.

A índole de Bocage não permitia uma reintegração sem sobressaltos. Consciente dos interesses da sua classe, a burguesia, revoltava-se contra os múltiplos privilégios de parte da nobreza, sobretudo daquela que era improdutiva. Sendo um compulsivo da escrita, à qual dedicava longas horas diárias, insurgia-se ainda contra o facto de o seu talento literário não ser particularizado. Almejava, por outro lado, publicar a sua poesia. Porém, a condição de duplo desertor não era favorável à concretização daqueles desígnios. Planeou então aderir à Academia de Belas-Letras, a qual lhe daria a credibilidade necessária para ser reconhecido junto dos que dispunham de poder.

Aquela recém-formada agremiação visava retomar a *praxis* prolífera da «Arcádia Lusitana». Não obstante, os elementos que a constituíam estavam longe de poder ombrear com escritores da estirpe de Pedro António Correia Garção, Manuel de Figueiredo e Cruz e Silva. A mediania poética da maior parte dos seus membros incitava ao elogio mútuo e a uma paz melíflua, por Bocage celeremente implodida. O amor-próprio exacerbado, incentivado pela inveja, deu lugar à insídia e a profusas invetivas, da autoria sobretudo de Belchior Manuel Curvo Semedo, aristocrata e poeta favorito da corte que ostentava o cognome de «La Fontaine português». Outros seguiram idêntico caminho, como Domingos Caldas Barbosa, José Tomás da Silva Quintanilha, Luís Correia da França e Amaral e o padre Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, publicando a sua verrina no 3.º e no 4.º tomo do *Almanaque das Musas*, obra financiada pelo conde de Pombeiro. Verberavam-lhe a falta de nexos das composições, a ausência de qualidade das traduções e a participação em sessões literárias nos salões da burguesia e nos cafés. Não contentes, apelidavam-no, com arrogância, de «trovador», ou seja, não merecia o estatuto de poeta.

Elmano — anagrama cunhado a partir do seu nome próprio, que então adotou como pseudónimo literário —, por sua vez, disseminou clandestinamente, pela corte e reino, sátiras, nas quais expressava com mestria o ridículo dos seus émulos. Curiosamente, José Agostinho de Macedo, embora pertencesse à mencionada agremiação literária, considerando a amizade que os unira, não participou nesta polémica. Só mais tarde, em 1801, veio a terçar armas com o seu rival.

Posições tão radicalizadas, que traduziam mentalidades distintas, e, por outro lado, poemas compostos por inimigos, que ostentavam, insidiosamente, a sua assinatura, conduziram à expulsão de Bocage da «Academia de Belas-Letras», ou à sua decisão de a abandonar.

Em 1794, ocorreu a primeira ascensão aerostática em Portugal. Executou-a Vincenzo Lunardi, que também tinha inaugurado os voos espaciais em Itália, sua terra natal, Inglaterra e Espanha. No nosso país, aquele capitão foi particularmente maltratado por Diogo Inácio de Pina Manique, que viu nele um demagogo e um subversivo decidido a corromper as bases sólidas do trono e do altar. Suspeitando de que ele pertencia à Maçonaria e de que era apologista das «ideias francesas», encarcerou-o no Limoeiro, apesar de o italiano justificar os sucessivos adiamentos da sua ascensão aerostática com a apresentação de vários atestados assinados por médicos da corte. Uma vez reunidas as condições para a concretização do seu voo, teve lugar, a 25 de agosto, perante a estupefação do povo que preenchia copiosamente o Terreiro do Paço, a descolagem, da qual existe uma descrição redigida pelo próprio aeronauta. Apesar de a liberdade de expressão do pensamento estar severamente condicionada, Bocage criticou, tanto quanto possível, aquele atropelo e exaltou o feito do seu amigo numa composição relevante, o *Elogio Poético do Capitão Vincenzo Lunário*. Este episódio contribuiu decisivamente para a sua formação política.

O quotidiano de Bocage encontrava-se nos antípodas daquele que a classe dominante prezava. Na óptica do poder, não tinha uma profissão

definida, não cumpria as obrigações religiosas inerentes a um bom cidadão, não dispunha de um lar e dificilmente obtinha os meios necessários para prover à sua alimentação e à aquisição de vestuário. Além disso, argumentavam os guardiães da sociedade, convivia com pessoas pouco abonatórias e subversivas, sobretudo nos cafés, nas feiras e nos botequins, onde não se coibia de dizer poesia, a qual deveria circunscrever-se aos salões aristocráticos. Na verdade, data desta época a adesão à Maçonaria, tendo-se iniciado na «Loja Fortaleza» e adotado como nome simbólico Lucrécio, poeta e filósofo romano. A análise da sua obra permite inferir que fazia parte de uma rede social extensa, a qual lhe valeu, por diversas vezes, em momentos de grande carência ou de sofrimento. Deve-se ainda àquela organização a disseminação por todo o país, inclusive as colônias, de algumas das suas composições mais emblemáticas, designadamente a «Pavorosa ilusão da Eternidade». Acusado de nela militar, conheceu, uma vez mais, em 1802, as agruras do cárcere.

Os inimigos da «Academia de Belas-Letras» cedo lhe urdiram uma trama, que teve consequências dramáticas: denunciaram-no à Intendência Geral da Polícia e esta não tardou, no dia 7 de agosto de 1797, a emitir um mandado de captura em seu nome. Prevenido sobre o que o esperava, refugiou-se a bordo da corveta *Aviso*, que ultimava os preparativos para rumar ao Brasil. Porém, em vão o fez, porquanto nova delação sobreveio. Foi escoltado para o Limoeiro, cadeia que o pai, 27 anos antes, igualmente conhecera.

O intendente, Diogo Inácio de Pina Manique, enviou, pouco depois, o seguinte ofício ao juiz do

crime do Bairro do Andaluz, documento que, por contribuir para o conhecimento da *praxis* social e política do escritor, transcrevemos:

«Consta nesta Intendência que Manuel Maria Barbosa du Bocage é o autor de alguns papéis ímpios, sediciosos e críticos que nestes últimos tempos se têm espalhado por esta corte e reino; que é desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da religião que tem a fortuna de professar e que há muitos anos não satisfaz aos sacramentos, a que obriga o preceito de ir todos os anos buscar os sacramentos da penitência e eucaristia à freguesia onde vive. Vossa Mercê, logo, por meio de uma devassa, procederá à averiguação destes factos para legalizar a verdade deles, fazendo-lhe apreensão em todos os papéis, assim manuscritos como impressos, e ainda naqueles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente presos e averiguada a sua vida e costumes [...]»

Eis uma acusação muito grave. Na cadeia do Limoeiro foi arremessado para o «Segredo», cela ínfima destinada àqueles que eram considerados politicamente perigosos. Nela permaneceu 44 dias, isolado, entregue à depressão e aos fantasmas que lhe povoavam a mente. A devassa que foi feita à casa onde pernoitava, pertencente a André da Ponte Quental, tinha tido como resultado a apreensão de vários livros iluministas de crítica social e de um poema inequivocamente subversivo, a emble-

mática «Pavorosa ilusão da Eternidade», também conhecida por «Epístola a Marília».

Em torno do escritor posicionaram-se então duas atitudes: uma, que tinha em Pina Manique o seu principal defensor, pretendia puni-lo de forma exemplar, por ser apologista de ideias que punham em causa o regime; a segunda — ancorada por José de Seabra da Silva, coadjuvado por, entre outros, o visconde de Balsemão, o conde de São Lourenço e os marqueses de Abrantes, de Ponte de Lima e de Pombal, o filho do famoso ministro de D. José — considerava que não havia um delito de natureza política, mas, tão-só, convicções heterodoxas de carácter religioso.

Pina Manique detinha um poder incomensurável e só respondia perante a rainha; como esta, em 1792, fora julgada incapaz de reinar, a facção mais tolerante expôs ao príncipe regente (o futuro D. João VI) a situação do poeta, exortando-o, com êxito, a perdoar os seus erros. Antes, porém, tinha manipulado as provas acumuladas pela devassa, truncando ou fazendo desaparecer aquelas que poderiam ser mais comprometedoras. O próprio juiz que interrogou Bocage, Morais Brito, conduziu o processo de forma amena e propícia a uma sentença favorável.

O escritor foi então transferido para a tutela da Inquisição. Este tribunal determinou então que fosse reeducado pelos Beneditinos, então sediados no Mosteiro de São Bento, e que tivesse como mentor frei José de Santa Escolástica. A sua entrada foi particularmente saudada no respetivo *Dietário*:

«A 17 do presente mês de Fevereiro foi mandado para este mosteiro pelo Tribunal do

Santo Ofício o célebre poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, bem conhecido nesta corte pelas suas poesias e não menos pela sua instrução. Tinha sido preso pela Intendência e ele reclamara para o Santo Ofício, onde esteve até ser mandado para este mosteiro.»

O autor readquiriu o equilíbrio emocional, confraternizou com os membros daquela ordem religiosa, frequentou a sua valiosa biblioteca, redigiu poesia e continuou a traduzir textos literários latinos.

Um mês depois, regressou à Inquisição. Esta contactou Diogo Inácio de Pina Manique, informando-o de que a reeducação estava concluída. Aquele dirigente considerou-a, porém, insuficiente. O recluso foi então enviado para o Hospício das Necessidades, sede da Congregação do Oratório, sujeito a medidas que lhe limitavam o quotidiano e a liberdade de movimentos:

«Vossa Mercê [...] conduzirá Manuel Maria de Barbosa du Bocage ao Hospício de Nossa Senhora das Necessidades [...] e o entregará ao prelado do mesmo hospício que estiver presidindo nele, e lhe intimará que fica ali o dito Manuel Maria recluso no mesmo Hospício, e que não possa sair fora sem nova ordem, nem comunicar com pessoa alguma de fora, à excepção, porém, dos religiosos conventuais no mesmo hospício, ou filhos da mesma Congregação de São Filipe de Nery, andando em liberdade no mesmo hospício, sem que venha abaixo às portarias e à mesma Igreja, e nas horas de recreação poderá ir à cerca,

na companhia dos religiosos e conventuais no mesmo hospício, e assistir no coro a todos os officios, e lhe entregará Vossa Mercê o constante da relação inclusa, que o Príncipe Nosso Senhor lhe manda dar por esmola; e espera que, com estas correções que tem sofrido, tornará em si e aos seus deveres, aproveitando os seus distintos talentos, com os quais sirva a Deus Nosso Senhor, a S. Majestade e ao Estado, e útil a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vícios e prostituições em que vivia escandalosamente.»

O plano do futuro monarca não resultou. Bocage ficou-lhe muito grato, como atestam algumas composições elogiosas dedicadas à família real; porém, não obstante viver na miséria, exceto se fosse expressamente convocado, manteve-se à margem da corte.

«*Liberdade querida e suspirada*»

Em abril de 1798, a liberdade raiou finalmente. Impunha-se agradecer a todos aqueles que o acompanharam neste período dramático da sua vida, especialmente aos que, junto do poder, moveram influências no sentido de o libertar. Bocage exarou em múltiplos poemas a sua profunda gratidão. Alguns foram incluídos, em 1799, no 2.º tomo das *Rimas*, sintomaticamente «dedicadas à amizade»; outros, em 1804, no 3.º tomo das *Rimas*; outros

ainda, por evidenciarem a cumplicidade críptica de pessoas que estavam no poder — sobretudo José de Seabra da Silva —, só foram conhecidos postumamente, evitando, deste modo, a reação de Pina Manique, que vira defraudadas as suas expectativas, ou seja, uma punição exemplar que dissuadisse os apologistas do livre-pensamento.

Entretanto, a receita da venda dos seus livros era insuficiente para fazer face às despesas do quotidiano; o escritor aceitou, em 1799, o convite de D. Rodrigo de Sousa Coutinho para trabalhar como tradutor na Casa Literária do Arco do Cego, editora que fora apetrechada com instrumentos de impressão sofisticados e que dispunha de uma equipa notável. Era um projeto de vulto que tinha como objetivo primordial a publicação de obras, no domínio da agricultura, da medicina, da mineração e da arquitetura, que se prendessem sobretudo com o Brasil, território fecundo e ainda pouco explorado. Bocage auferia 12 800 réis mensais, tendo ainda direito a 200 exemplares de cada livro que traduzia, ou, se preferisse, a uma soma equivalente. Coube-lhe a tradução de várias obras, as quais se distinguem daquelas que eram então publicadas, por serem bilingues, sendo o apuro formal inequívoco.

Problemas de carácter financeiro conduziram, em 1801, ao encerramento daquela editora e à sua integração na Impressão Régia. Bocage perdeu então o único emprego estável que teve, e a precariedade sobreveio uma vez mais.

Data deste ano o início da polémica que opôs Bocage a José Agostinho de Macedo. Tudo começou com uma crítica do primeiro à obra *Con-*

templação da Natureza, que teve como resposta um poema *ad hominem* daquele religioso; ambos fizeram questão de compor outras sátiras, cada vez mais pessoalizadas e virulentas, que circularam clandestinamente. Pouco antes de falecer, Elmano propôs uma reconciliação, de imediato aceite pelo seu opositor. A posteridade veio, porém, revelar que Macedo não estava de boa-fé, pois as suas diatribes visando o adversário sucederam-se em vários livros e periódicos existindo ainda acusações de ter manipulado o espólio do escritor, inadvertidamente franqueado pela irmã Maria Francisca.

Bocage dedicava muitas horas diárias ao ofício da escrita, como prova a extensão do seu labor literário, desenvolvido entre 1790 e 1805, ano em que faleceu com 40 anos.

De regresso à liberdade, optou por recuperar o tempo delapidado no cárcere. A boémia era um imperativo inadiável, o que o levou a percorrer, num convívio intenso, os principais locais populares de sociabilidade; a par disso, frequentou os salões da burguesia, dando início à democratização da poesia; esteve presente nos encontros artísticos da nobreza (especialmente naqueles que foram patrocinados pela marquesa de Alorna), onde a música, o drama e a poesia eram hegemónicos; dinamizou, com a sua verve literária, o teatro do Morgado de Assentiz, então um benemérito da cultura. O seu quotidiano não primava pela racionalidade: a alimentação era precária, consumia tabaco e álcool em excesso e nem sempre dispunha de um teto para se abrigar e recuperar energias. A debilidade acentuou-se e foi algumas vezes forçado a pedir dinheiro a amigos para minorar «padecimentos».

Nesta fase da existência, Bocage concentrou os seus esforços na tradução, designadamente de uma parte da obra de Ovídio, seu autor preferido. Verteu ainda outros clássicos latinos e franceses, bem como um capítulo de *La Colombiade*, epopeia composta pela tia-avó Madame du Bocage, e publicou o 3.º tomo das *Rimas*.

Bocage nunca teve um domicílio. Pernoitava em casa de amigos que dele se condoíam. Em 1802, finalmente, alugou um, situado na Travessa de André Valente, que partilhou até ao final da vida com a irmã. Para viabilizar este passo importante, contou com as receitas da venda dos sucessivos tomos das *Rimas* e das traduções. Contudo, os proventos nem sempre eram suficientes para pagar uma renda elevada; quando tal acontecia, contou com a solidariedade de correligionários maçónicos, companheiros e admiradores.

O seu estado de saúde agravou-se sensivelmente no início de 1805. Relações sexuais de risco, alimentação irregular e sem qualidade, consumo imoderado de álcool e de tabaco, agravados por ter estado várias vezes detido em condições desumanas, desencadearam um aneurisma nas carótidas, enfermidade letal na época. Não obstante ter consciência de que a morte inexorável se aproximava, lutou até ao limite das suas forças. No que diz respeito à literatura, os meses finais do seu percurso existencial foram os mais prolíficos. Entretanto, acentuava-se a miséria em que vivia. José Pedro da Silva, que sempre o protegera, ao constatá-la numa visita que lhe fez, persuadiu-o a reunir alguns dos poemas que se encontravam a esmo. Dirigiu-se à Imprensa Régia e, dias depois,

saíram dos prelos os *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade*. Poemas de profunda tristeza alternavam com alguns em que uma ténue esperança raiava. O seu amigo, além de vender centenas de livros, cuja receita lhe entregou na íntegra, convenceu-o a enviar exemplares a personalidades abastadas que eram recetivas à sua obra. Um toque de Midas ocorreu então: nunca o escritor vira na sua vida uma soma tão elevada.

Os dias passavam lentamente: a «diástole tardia» retirava-lhe energia e a «dor que, afiada, o coração golpeia» não dava tréguas. Uma vez mais, a poesia foi a força motriz para continuar a caminhada. Escrevia de forma febril, perseguia a eternidade. Publicou então a *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage*, obra em que coligiu, além das suas composições, aquelas que os seus amigos e correligionários lhe dedicaram.

Sensivelmente em agosto, o aneurisma acentuou a sua pressão. Pessimismo e otimismo, desespero e fleuma, entrecortados por múltiplos estados de alma, sucediam-se. Redigiu então um epitáfio, que vincava a sua condição de poeta, na verdade a causa primordial da sua existência:

«De Elmano eis sobre o mármore sagrado
A lira em que chorava ou ria Amores.
Ser deles, ser das musas foi seu fado:
Honrem-lhe a lira vates e amadores.»

Acompanhava-o um imenso complexo de culpa. Urgia reconciliar-se com os seus émulos, que tanto o tinham insultado e que ele, igualmente, injuria-

ra. Ocorreu uma aproximação entre os escritores desavindos, tendo sido esquecidas as guerras fratricidas que se desenrolaram no seio da «Academia de Belas-Letras» e em outros meios literários. José Agostinho de Macedo, Belchior Manuel Curvo Semedo, entre outros, e Bocage trocaram então elogios hiperbólicos.

Entretanto, apesar de a morte cavar inexoravelmente o seu percurso, Bocage continuava a compor. *In extremis*, enviou para a Imprensa Régia *A Virtude Laureada*, obra que incluía um pungente soneto, no qual se retratava:

«Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim, quase imortal, a essência humana.»

Porém, já não a pôde rever, assaltado que foi pela morte. Pouco antes de falecer, legou-nos um segundo soneto notável, ainda mais agónico:

«Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.»

O dia 21 de dezembro de 1805, um sábado, amanheceu triste e plúmbeo. Pelas 22 horas e 15 minutos, Bocage faleceu. No dia seguinte, a chuva fustigava as inúmeras pessoas que o quiseram acompanhar ao cemitério das Mercês, onde os seus

restos mortais se mantiveram até 1897, ano em que foram arremessados, por incúria das autoridades, para a vala comum. O funeral foi parcialmente pago por José Pedro da Silva, que teve idêntica atitude para com outros poetas.

II – O legado de Bocage

O imperativo poético

Por diversas vezes, Bocage confessou que a poesia lhe latejava nas veias, considerando-se «um daqueles que já na infância consultavam Febo», ou seja, Apolo, deus das artes. A ela se dedicou ao longo de todo o seu percurso existencial. No prefácio à 3.^a edição do 1.^o tomo das *Rimas*, reiterou a expressão desse imperativo, afirmando que aquela obra demonstrava «os progressos do meu espírito nesta bela arte a que me dei»; o teor da elegia dedicada a Joaquim Pereira de Almeida é igualmente elucidativo:

«De um grato coração de mágoa cheio
Acolhe o terno, o cândido tributo,
Que a Musa, glória minha e meu recreio,
Te of'rece, envolta no funéreo luto.»

De acordo com Bocage, o poeta tinha dons semi-divinos — «Febeia prepotência os tempos doma» —, conceito também presente na seguinte quadra:

«Prole dos numes, quase nume, é vate,
Vive no tempo, na memória vive,
E vai do tempo, da memória dos astros
Converter-se em porção da eternidade.»

Na «advertência ao leitor» do 3.º tomo das *Rimas*, Bocage debruçou-se sobre a índole dos poetas:

«[...] nasceram com a brilhante mania de metrificar, sacrificam os proveitos da vida civil e até as comodidades da existência física. O exemplo dos Ovídios, dos Camões, dos Tassos, etc. houvera de acobardar os génios versificadores, se um quase fado não atropelasse, ou antes submetesse as sisudas reflexões que lhes arrazoam naqueles intervalos fúlgidos, que até há nos poetas.»

E concluiu do seguinte modo:

«Não ousou alinhar-me entre os grandes engenhos que citei, senão pelo frenesi com que ambicionaram, e ambiciono o que vãmente vai entender com a insensibilidade das cinzas.»

Não surpreende assim que Bocage tenha manifestado desdém por aqueles que menosprezavam o seu talento, como, por exemplo, os habitantes

proeminentes de Goa, alguns privilegiados da sociedade, cuja arrogância considerava ridícula, e os seus émulos da Academia de Belas-Letras.

O escritor encarava a poesia de forma apaixonada, sendo esta o principal incentivo da sua vida. Justificando de alguma forma o seu estilo veemente, considerou, no prefácio à edição das *Rimas* de 1794, que na «composição é que brilha o entusiasmo», em contraste com «a frieza que acompanha quase sempre as emendas». Neste texto nuclear, afirmou que a sua obra não tem a glória como desiderato, constitui pelo contrário, o resultado da expressão do que sente e pensa, e vincou a precariedade e a dureza do seu quotidiano:

«Se [...] eu projectasse a defesa dos meus versos, ainda que vãmente, acarretara, encarcerara talvez os desgostos, os males, as fadigas de uma vida inquieta e indigente, de que não são vexados os que compõem melhor que eu, ou o presumem.»

Atributos da poesia de Bocage

Em nota ao soneto «Agora que o seu lôbrego retiro», o autor menciona os atributos da poesia de primeira água: «[...] a locução, a fantasia e o ritmo», autênticos «tesouros do espírito.»

De acordo com Pato Moniz, Bocage trabalhava arduamente os seus poemas, «nenhum outro mais do que ele emendava, corrigia e tornava ainda a limar os seus escritos.» Na verdade, a leitura da sua obra impressa e daquela que enviou para a Censura

é elucidativa relativamente à busca da perfeição que o norteava na composição, sendo múltiplas as correções que introduzia nos textos, demonstrando uma permanente insatisfação. Curiosamente, apesar de perseguir o apuro formal, uma das suas características mais notórias foi a capacidade de improvisar, como aquele elmanista testemunha no seguinte texto:

«Alguns dos seus verdadeiros amigos viam em seus improvisos uma grande ruína de sua saúde, pois que ele, nesses tropéis de fantasia, descorava, afogava-se, estremeceia, caía-lhe em bagas o suor e não comia; [...] Bocage, nos últimos anos de vida, já raramente improvisava; por isso mesmo, cogitava de mais longas composições e tinha projectado uma epopeia sobre o descobrimento do Brasil.»

Numa perspectiva de conjunto, a poesia de Bocage, na qual se entretecem habilmente sólidos conhecimentos das culturas greco-latina (mormente de mitologia), francesa e portuguesa, é marcada pela complexidade, compreendendo-se, deste modo, a necessidade de as edições bocagianas serem profusamente anotadas.

Ambivalência poética: Classicismo/Neoclassicismo e Romantismo

Bocage conviveu com a cultura greco-latina desde a adolescência: entre os 11 e os 16 anos, na

escola, na então vila de Setúbal; posteriormente, em todas as fases da sua vida, até ao ano do seu falecimento, prosseguiu, com disciplina e exaltação, o estudo do inexaurível acervo legado pelas civilizações romana, helénica e helenística. Deste modo, colheu ensinamentos que são manifestos na sua obra: o cultivo de géneros poéticos como a égloga, a cantata, o idílio, o apólogo, a sátira, o epigrama, a ode, a elegia, a poesia anacreôntica e o epitáfio; a tradução de alguns dos seus expoentes literários, caso concreto de Virgílio e, sobretudo, Ovídio; a utilização de versos representativos nas epígrafes e nas notas que pontuavam os seus textos; o recurso frequente à mitologia, ao maravilhoso pagão, alfobre simbólico inesgotável; a procura do equilíbrio, o enaltecimento do rigor e da contenção, decorrentes de uma visão racionalista da arte, que caracteriza, *grosso modo*, o Iluminismo, fonte contínua de inspiração de uma parte não despicienda dos intelectuais do século XVIII.

Porém, a época de Bocage caracteriza-se igualmente por ter conhecido sucessivas convulsões. No domínio internacional, sucederam-se, entre outras, a Revolução Industrial, a independência dos Estados Unidos da América, conflitos na Suíça, nos Países Baixos, em Inglaterra e na Irlanda, bem como a Revolução Francesa; em Portugal, teve particular acuidade o consulado pombalino e a «Viradeira». Estas alterações estruturais conduziram à queda do Antigo Regime, à afirmação da burguesia, ao aparecimento de novas perspectivas e filosofias de vida, bem como de formas artísticas inéditas de transição para o Romantismo. Deste modo, a poesia bocagiana é ambivalente: além da

beleza apolínea, de carácter racionalista, encerra um princípio dionisíaco, sendo este a expressão do sentimento indomável e avassalador, da paixão tumultuosa e caótica («Eu louco, eu cego, eu mísero, eu perdido, / De ti só trago cheia a mente, ó Jónia») e do individualismo, patentes em versos veementes, antitéticos e hiperbólicos («Razão, de que me serve o teu socorro? / Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo; / Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro»). Outros temas do Romantismo são igualmente detetáveis na obra de Bocage: a solidão e a noite («E vós, ó cortesãos da escuridade, / Fantasmas vagos, mochos piadores, / Inimigos, como eu da claridade! // Em bandos acudi aos meus clamores: / Quero a vossa medonha sociedade, / Quero faltar meu coração de horrores»); a morte redentora, a culminar um percurso existencial agónico: «Meus olhos, atentai no meu jazigo, / Que o momento da Morte está chegado, / Lá soa o corvo, intérprete do Fado: / Bem o entendo, fala comigo».

Obra extensa e múltimoda

Apesar de ter falecido prematuramente, aos 40 anos, o seu legado literário é muito extenso. Estamos em presença de um escritor múltimodo, que cultivou a poesia, a tradução e o drama. A sua ductilidade é igualmente evidente porquanto se esprou por todos os géneros poéticos da época: o soneto, a ode, a glosa, o epicédio, o canto, a cantata, a décima, a endecha, a oitava, o ditrambo, o elogio, a elegia, o epigrama, o drama alegórico, a

poesia anacreônica, a poesia sobre mote, o madrigal, a epístola, o apólogo, a écloga, o epitáfio e a canção. Bocage elegeu o soneto como forma privilegiada de expressão, compondo cerca de 400, os quais ombreiam, bastas vezes, com os de Camões.

Percurso poético

O percurso literário de Bocage, no que diz respeito à edição, foi breve. Teve início na sequência do seu regresso a Lisboa, em 1790, e terminou em 1805, ano em que faleceu. Intitula-se a sua primeira obra impressa *Elegia que o Mais Ingénuo e Verdadeiro Sentimento Consagra à Deplorável Morte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. José Tomás de Meneses*. Seguiram-se os *Idílios Marítimos*, com a chancela de Simão Tadeu Ferreira, editor da maior parte dos frutos do seu labor estético. Em 1791, deu aos prelos o 1.º tomo das *Rimas*. Circunscrito, quase na totalidade, à vivência no Oriente, abre com um soneto intitulado «Incultas produções da mocidade», no qual o autor nomeia o sofrimento como a principal linha de força da sua poesia, constatação reiterada em «Chorosos versos meus desentoados, / Sem arte, sem beleza e sem brandura, / Urdidos pela Mão da Desventura, / Pela baça Tristeza envenenados.».

É constituído por outros sonetos, odes, canções, epístolas e idílios. Ao contrário dos outros tomos das *Rimas*, dele não consta qualquer tradução. O volume encerra algumas composições notáveis, entre elas, «Camões, grande Camões, quão semelhante», uma evocação do seu *alter ego*, e «Nos campos o vilão sem

sustos passa». Não obstante, a imaturidade é evidente, como o próprio escritor confessou anos depois:

«A primeira edição das minhas *Rimas*, pouco digna dos conhecedores da arte, nasceu de excessiva complacência com um amigo, que, vendo-as num estado inteligível e entremeadas de alguma obra tolerável, sem atender aos frutos da adolescência que a sombreavam, as deu arrebatadamente ao prelo, não me permitindo a diminuição necessária. O meu amor-próprio, ou a paixão universal, começou a ver (como diz o nosso admirável Garção) um espectro perseguidor em tudo aquilo que não aprovei, que deixei imprimir e que talvez critiquei com mais imparcialidade do que alguns aristarcos de juízo suspeito.»

Em 1794, o seu labor poético adquiriu uma nova dimensão. Considerando as «puerilidades do primeiro tomo», assim se expressou o autor,urgia a reedição das *Rimas*, que foram consideravelmente ampliadas com novos textos, sendo outros excluídos, por serem de mera circunstância, ou corrigidos, corolário de uma lima exigente. Bocage fez questão de traduzir as fábulas de La Fontaine, expressamente para exautorar as versões, pouco consentâneas com o original, de Belchior Manuel Curvo Semedo, seu arrebatado émulo na Academia de Belas-Letras. Inclui sonetos, odes, canções, epístolas, idílios, cantos, uma cantata, uma elegia, um epicédio, cançonetas anacreônticas, odes anacreônticas, uma glosa e apólogos ou fábulas morais, bem como a tradução de epigramas

franceses e de um madrigal. Em epígrafe, lê-se um excerto de *Os Tristes*, de Ovídio, poeta dileto, que espelha a maledicência e a inveja que o rodeavam nos meios literários:

«Medita, por fim, na viagem que inicias, meu livro, sem que te cause preocupações as intrigas, sem te envergonhares, se não agradares ao leitor. A minha fortuna não é propícia à tua preocupação de glória.»

Naquele ano, Bocage subscreveu o *Elogio Poético do Capitão Vincenzo Lunardi*, que constituiu uma forma indireta (pois a liberdade de expressão era quase inexistente) de manifestar a sua indignação pela forma autocrática como Pina Manique tratou aquele pioneiro da exploração espacial:

E tu, que da loquaz Maledicência
Tens açaimado a boca venenosa,
Tu, que de racionais, só na aparência,
Domaste a mente incrédula e teimosa,
Das fadigas que exige árdua ciência,
Em vivas perenais o prémio goza,
E admira em teu louvor estranho e novo
Unida à voz do sábio a voz do Povo.»

José de Seabra da Silva era, então, um ministro todo-poderoso. Uma vez mais a sua influência se fez sentir: o escritor não foi importunado pela Censura, tendo, deste modo, chegado até nós, incólume, a sua voz insurrecta.

Nos dois anos seguintes, Bocage nada publicou. Deverá ter vivido à margem da sociedade, conciliando clandestinidade e alguma presença pública, entregue à atividade em prol da Maçonaria, agremiação que, desde a estada em Portugal do conde de Lippe e das suas tropas (1763), se tornara proeminente, porquanto angariou para a sua causa personalidades de peso.

Em 1797, o escritor foi, como assinalámos, posto a ferros, devido a uma denúncia dos rivais da Academia de Belas-Letras. Beneficiou, então, da solidariedade de pessoas que se moviam na esfera do poder. Libertado menos de um ano depois, três imperativos se perfilaram: manifestar gratidão aos seus protetores, denunciar a inveja e a falta de ética de alguns dos seus pares no domínio poético e divulgar a sua tão acalentada obra. Nasceu, então, um volume intitulado *Rimas Dedicadas à Amizade*, no qual o autor expressou a sua revolta em epístolas e em sonetos fervorosos, tendo a publicação de alguns sido inviabilizada, total ou parcialmente, pela Censura. Note-se que esta intervenção gerou polémica no seio da corte. Com efeito, os pareceres que a justificam não se encontram (como todos os outros) no Arquivo da Real Mesa Censória, mas na Biblioteca da Ajuda, propriedade da coroa. Significa isto que o príncipe regente acompanhou *pari passu* todo o processo editorial.

A estrutura da obra evidencia grande ductilidade poética: 71 sonetos, odes, idílios, endechas, elegias, cantatas, epístolas, retratos, odes anacreônicas, uma cançoneta, quadras, um mote, uma alegoria, epigramas e traduções do francês e do latim (designadamente de excertos de *As Metamorfoses*, de Ovídio).

A produção literária de Bocage intensificou-se. Impunha-se, portanto, a reedição do 1.º tomo das *Rimas*, que apresenta novos trabalhos, estando alguns, tal como o anterior, radicados na sua experiência de cárcere, facto que, uma vez mais, desencadeou a ação censória. Nele prevalecem, como já era proverbial nas publicações que assinou, os sonetos, sendo muitos inéditos. Eis a sua estrutura: 139 sonetos, odes, canções, epístolas, idílios, cantos, uma cantata, um elogio, uma elegia, um epicédio, a tradução de epigramas franceses e de um madrigal, uma alegoria, cançonetas báquicas para a mesa improvisadas, cançonetas anacreônticas, odes anacreônticas, uma glosa e apólogos ou fábulas morais.

Com o título *Poesias, Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhausen*, ou seja, à futura marquesa de Alorna, que é também enaltecida no poema de abertura, novo volume se sucedeu; dele consta um significativo elogio a Filinto Elísio, *persona non grata* ao regime, que protagonizara uma fuga dos cárceres da Inquisição, exilando-se em Paris. A Censura, segundo parece, aguilhoada por Diogo Inácio de Pina Manique, que, anos antes, tinha concedido 48 horas àquela aristocrata para sair do país, interveio, retendo, durante cerca de um ano, esta obra, que apresenta várias traduções, múltiplos elogios, até então dispersos, e 12 sonetos.

No último ano de vida, o estado de saúde de Bocage agravou-se sobremaneira. Um aneurisma cardíaco, doença então letal, fez-se sentir. A luta inglória contra a morte, e em prol da imortalidade, foi recorrente no seu labor literário. No verão de

1805, vieram a lume os *Improvisos de Bocage na Sua Mui Perigosa Enfermidade* e a *Colecção dos Novos Improvisos*, dos quais constam igualmente composições de amigos, solidários perante o sofrimento que o assolava.

O testamento poético de Bocage data de novembro de 1805. Dado aos prelos, já não o reviu porque a morte, entretanto, o surpreendeu. Intitula-se *A Virtude Laureada* e inclui a composição «Meu ser evaporei na lida insana»; já muito perto do trânsito final, o génio não o abandonou, esculpindo um poema agónico, paradigmático da precariedade humana: «Já Bocage não sou!... À cova escura». Ambos os sonetos revisitam, de forma peculiar e veemente, a sua biografia atribulada e contraditória.

Publicação póstuma

Cerca de um quinto dos seus poemas só viu os prelos postumamente. Em primeiro lugar, porque não era curial divulgar os de homenagem às personalidades que, nos bastidores, contribuíram para a sua libertação, contrariando as diretrizes punitivas de Pina Manique; outras composições, por terem sido recolhidas, sem rigor, por correligionários em cafés ou botequins, onde o vate exercitava a sua veia repentista; outras, que se encontravam numa arca, desprezadas por Bocage, por se tratarem de meros rascunhos; finalmente, aquelas que eram legalmente impublicáveis, devido ao seu teor revolucionário, ou seja, por porem em causa alguns dos fundamentos do Antigo Regime, designadamente a autocracia, o casamento, a religião punitiva e a apo-

logia do erotismo. A propósito, foram publicados em seu nome múltiplos poemas que, claramente, não eram da sua lavra, como uma análise atenta da métrica e do estilo permite concluir.

Com o falecimento de Pina Manique, em 1805, e as invasões francesas, a partir de 1807, o aparelho de Estado enfraqueceu, tornando-se a Censura menos severa. Estavam, portanto, reunidas as condições necessárias para a divulgação legal de uma parte daqueles textos, nomeadamente devido à ocupação do país por tropas estrangeiras, dos seus hinos à liberdade. Dada a popularidade do escritor, a sua reedição era uma aposta que trazia amplos dividendos. Desidério Marques Leão, em 1812 e no ano seguinte, foi o primeiro a republicar as *Obras Poéticas*, que encerravam composições inéditas e outras difíceis de serem adquiridas. Porém, a transcrição foi muito deficiente. Nuno Álvares Pereira Pato Moniz insurgiu-se perante a evidente incúria e publicou, em 1813 e 1814, as *Verdadeiras Inéditas, Obras Poéticas*, das quais constavam vários poemas desconhecidos, sendo a transcrição confiável. Só em 1853-1854, cerca de 50 anos depois do falecimento do escritor, foi reunida integralmente a sua poesia, por iniciativa de Inocêncio Francisco da Silva. Estruturada em seis volumes, veio a ser a lição dos editores vindouros, designadamente de *Obras Poéticas de Bocage, Opera Omnia* e de *Obras Completas*, organizadas, respetivamente, por Teófilo Braga (1875), uma equipa dirigida por Hernâni Cidade (1969-1973) e pelo autor destas linhas (2017-2018).

Faltavam, porém, as composições mais heterodoxas. Em 1854, fruto de uma investigação aturada, Inocêncio Francisco da Silva deu à estampa, clandestinamente, as *Poesias Eróticas, Burlescas e*

Satíricas, talvez o livro mais proibido da literatura portuguesa, visto que conheceu inúmeras edições ilegais. Apesar de ostentarem, sucessivamente, na folha de rosto, como local de edição, Bruxelas, Londres, Amesterdão, Paris, Rio de Janeiro, Cochinchina e Baía, foram todas impressas em Lisboa.

Tendo em consideração estes escolhos, a fixação da poesia de Bocage encerra problemas de vulto. Com efeito, uma parte daquela que lhe é atribuída não lhe pertence: algumas composições, como as que António Maria do Couto divulgou em *Poesias Satíricas Inéditas* (1842), foram transcritas de memória, o que significa, frequentemente, ausência de rigor e inexatidão; outras ainda são da autoria de Elmanistas, que imitavam o seu mestre com destreza; finalmente, composições de carácter erótico, e até pornográfico, que, dada a sua índole, a tradição erroneamente, lhe atribui, como se infere de uma análise atenta da métrica, do estilo e das concepções de Bocage no domínio do erotismo.

Temas da poesia bocagiana

Lirismo

Bocage realça, no referido elogio dedicado a Lunardi (1794), que a sua poesia é predominantemente lírica:

«Ó lira festival, por mim votada
Às aras do Prazer e da Ternura,
Nega-te um dia às graças, à brandura
De Marília gentil, da minha amada.
A suave harmonia efeminada,

Grata ao mimoso Amor e à Formosura,
Os moles sons, de que a Razão murmura,
Converte em sons, de que a Razão se agrada.»

Com efeito, em versos depurados, servindo-se de uma métrica rigorosa, expressou com fervor — reflexo do tumulto interior em que vivia — a paixão, o ciúme, o amor não correspondido, a inveja, a infidelidade, a morte, a dor agónica e a incapacidade de se adaptar a uma sociedade petrificada, intolerante e genericamente adversa. Como assinala António Gedeão, a autenticidade é notória e dificilmente foi atingida em tão elevado grau no panorama da literatura nacional:

«Não deve haver em toda a literatura portuguesa um feixe de nervos mais vibrátil, uma carne mais magoada e aflita, uma respiração mais febril do que a do pobre Manuel Maria.

[...] Bocage tocou todas as teclas da emotividade, desde o pesado ribombar, surdo e rolante, da trovoada ameaçadora, até aos trinos joviais, saltitantes e pontiagudos, das notas de alta frequência. Com seus pés grandes pisou, no mesmo à vontade, o soalho das tabernas e as nuvens que rodeiam o trono dos deuses; com os olhos azuis acesos no carão moreno espiou as nereidas a lavarem-se com espuma nos côncavos das falésias e cobiçou as varinas de sete saias e canastras pejadas de peixe fresco. Percorreu todos os caminhos do sofrimento. Tonitruante, erguia-se num repelão do assento marchetado, batia com

as portas do Olimpo, e vinha rogar pragas para as tabernas do Rossio, ou improvisar obscenidades para os prostíbulos do Bairro Alto.»

Autobiografia

Uma parte considerável da poesia de Bocage é expressa na primeira pessoa, sendo a emoção, por vezes, gritada. O eu poético adquire uma dimensão vincada, prenunciando o Romantismo. O soneto «Magro, de olhos azuis, carão moreno», gizado com génio, serviu de mote a muitos escritores, entre outros, Pedro Tamen, Natália Correia, Alexandre O'Neill e José Carlos González. Outras composições permitem-nos aceder ao seu universo quotidiano precário, no limiar da pobreza, e às humilhações sofridas por reivindicar a sua singularidade:

De cerúleo gabão não bem coberto,
Passeia em Santarém chuchado moço,
Mantido às vezes de sucinto almoço,
De ceia casual, jantar incerto.
[...] Sabes, leitor, quem sofre tanto ultraje,
Cercado de um tropel de franchinotes?
É o autor do soneto, é o Bocage!

Alguns poemas enfatizam a sua agonia, às portas da morte, como é o caso de «Meu ser evaporei na lida insana» e de «Já Bocage não sou!... À cova escura». O seu talento e a inveja dele decorrente conduziram a desinteligências graves na Academia de Belas-Letras, sendo a obra e a *praxis* social do autor profusamente

atacadas. A sua resposta está patente, sobretudo, em sátiras verrinosas, em «Trabalhos da Vida Humana», composição que tem como pano de fundo a experiência de cárcere, e nos textos compostos, em 1798, na sequência da sua libertação. Um outro aspeto é de referência obrigatória: a gratidão que impregna uma parte dos seus versos, concebidos para homenagear os protetores e amigos que, incondicionalmente, o socorreram em fases agudas da sua existência.

Intervenção política

Pina Manique, expoente da repressão em Portugal, foi várias vezes visado por Bocage, nomeadamente no *Elogio Poético do Capitão Vincenzo Lunardi*, nos sonetos «Liberdade, onde estás, quem te demora» e «Liberdade querida e suspirada», assim como no 3.º tomo das *Rimas*, onde evoca dois escritores considerados por aquele magistrado inimigos do Estado.

Outras composições enaltecem Napoleão, apregoam a trilogia consignada pela Revolução Francesa — liberdade, igualdade, fraternidade —, embora condenem a lei da guilhotina dos jacobinos, que, em 1793, entre milhares de supliciados, executaram Maria Antonieta e Luís XVI, sendo a rainha francesa exaltada numa cantata.

Igualmente paradigmático é o epigrama «Definição do ouro», que está nos antípodas da sua filosofia de vida:

«Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doutos e a rudes,
Gero vícios e virtudes,
Torço as leis, domino a Terra.»

A Maçonaria, no século XVIII, apresentava fins humanitários e solidários e uma liturgia muito apelativa, atributos que a tornaram transversal a todas as classes letradas. O seu campo magnético atraiu personalidades como Beethoven, Mozart, Montesquieu, Voltaire, Benjamin Franklin, Francesco Bartolozzi, Domingos Bomtempo e, como assinalámos, Bocage. Alguns poemas seus evidenciam sinais maçónicos, sendo, eventualmente, o mais representativo o seguinte:

«Não sou vil traidor, vil assassino,
Ímpio, cruel, sacrílego, blasfemo:
Um Deus adoro, a Eternidade temo;
Conheço que há vontade, e não destino;

Ao saber e à virtude a frente inclino;
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;
Chamo à beneficência um dom supremo,
Julgo a doce amizade um bem divino [...]»

Politicamente mais incisivo é o soneto «Nos campos o vilão sem susto passa», visto que constitui uma crítica clara à nobreza ociosa e, simultaneamente, a apologia da serenidade da vida campesina, em consonância com a Idade de Ouro, utopia criada pela mitologia grega:

«Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora:
O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça; [...]»

Triste! Sai do palácio majestoso!
Se hás-de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês e venturoso.»

Crítica social

Bocage leu com atenção os poetas e os ensaístas do Iluminismo, que eram particularmente críticos da sociedade. Terá tido acesso à *Enciclopédia* e ao seu conteúdo, vital para a divulgação do conhecimento. Em sintonia com os autores deste marco miliário da humanidade, algumas das suas composições tinham em vista a ausência de liberdade, a nobreza decadente, a promiscuidade do clero, a inépcia dos médicos e dos dentistas, o fanatismo religioso, a superstição («Não te crimino a ti, plebe insensata»), a desonestidade dos procuradores e dos tabeliões e a mediocridade dos literatos. A ironia de Bocage, apelando, por vezes, ao ridículo, revelou-se letal, sobretudo aquela que foi dirigida a José Agostinho de Macedo e a outros correligionários da Academia de Belas-Letras. Ainda de acordo com o espírito construtivo da época, foram igualmente relevantes as fábulas que compôs, as de La Fontaine, por ele traduzidas, e os epigramas.

Religião

As menções a Deus são frequentes na poesia de Bocage. Apesar disso, o autor, retomando alguns dos princípios exarados na *Enciclopédia* e nos fi-

lósofos do Iluminismo, era crítico do catolicismo. Verberava a religião baseada no preconceito e no fanatismo e assinalava a hipocrisia de uma parte do clero, cujo discurso proferido no púlpito estava nos antípodas da sua *praxis* quotidiana. Na emblemática «Pavorosa ilusão da Eternidade» — poema que circulou clandestinamente e teve uma ampla divulgação em todo o país, como comprovam os múltiplos processos inquisitoriais depositados na Torre do Tombo —, o escritor acusa o catolicismo de constituir uma caricatura do cristianismo, de o ter desfigurado porquanto se transformara numa doutrina punitiva:

«Ouve o terrível Deus, que assim troveja:
«Vai, ministro fiel dos meus furores!
Corre, voa a vingar-me: seja a raiva
De esfaimados leões menor que a tua;
Meu poder, minhas forças te confio,
Minha tocha invisível te precede;
Dos ímpios, dos ingratos que me ofendem,
Na rebelde cerviz o ferro ensopa;
Extermina, destrói, reduz a cinzas
As sacrílegas mãos que os meus incensos
Dão a frágeis metais, a deuses surdos;
Sepulta as minhas vítimas no Inferno,
E treme, se a vingança me retardas!...»

A conceção teológica de Bocage é radicalmente diferente:

«Oh Deus, não opressor, não vingativo,
Não vibrando com a dextra o raio ardente

Contra o suave instinto que nos deste;
Não carrancudo, ríspido arrojando
Sobre os mortais a rígida sentença.
A punição cruel, que excede o crime. [...]
Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade».

Erotismo

As *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* são relevantes, entre outros atributos, pelo seu apuro formal, por reivindicarem a assunção da sexualidade e por constituírem um documento importante para o conhecimento da sociedade de finais do século XVIII.

O autor criticou a moral sexual existente, baseada no preconceito. Recordemos que, na época, designadamente em Portugal, o corpo deveria ser ignorado, de forma alguma afirmado e muito menos enaltecido. O erotismo, defende o poeta, está em consonância com a natureza humana, sendo, conseqüentemente, um imperativo respeitá-lo:

«O que a Razão desnega, não existe.
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece:
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.
A sólida moral não necessita
De apoios vãos: seu trono assenta em bases
Que firmam a Razão e a Natureza.»

Urgia, portanto, desmistificar aqueles que, de forma capciosa, inculcavam complexos de culpa,

menorizavam e inibiam o ser humano. Fê-lo, por exemplo, numa glosa ao mote «Os erros da educação / Extraem de amor delitos»:

«Estes, Marília, estes são
Os males que o Céu nos fez;
São os erros em que crês
Os erros da educação.
Por mais que o meu coração
E o teu desatem mil gritos,
Os hipócritas malditos,
Os que têm tartárea voz,
Ai! armados contra nós
Extraem de amor delitos.

Sobre a humana geração
Têm suprema autoridade
Contra as tuas leis, Verdade,
Os erros da educação.
Some-se a luz da razão
Em preceitos infinitos,
De mortais negros peritos
Dura voz o amor condena,
Extraem fel d'açucena,
Extraem de amor delitos.»

Segundo o poeta, Deus protege os transportes amorosos dos humanos:

«Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade.
Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
Deus que às nossas paixões deu ser, deu fogo,
Que só não leva a bem o abuso delas,

Porque à nossa existência não se ajusta,
Porque inda encurta mais a curta vida:
Amor é lei do Eterno, é lei suave;
As mais são invenções, são quase todas
Contrárias à razão e à natureza:
Próprias ao bem de alguns e ao mal de muitos.»

Eis, portanto, a apologia inequívoca do erotismo. Porém, Bocage foi mais longe: fez questão de explicitar melhor a sua posição, demarcando-se claramente da pornografia. Chamemos à colação um excerto de *Cartas de Olinda e Alzira*, no qual critica a postura da personagem principal de uma obra do marquês d'Argens, que deu brado na época, intitulada *Therèse Philosophe*:

«Que pura locução que Amor ensina!
Quão dif'rente linguagem da que falam
Os livros que me dá o meu Belino!
Neles descubro o sensual estilo
Que a modéstia revolta e que não quadra
Às puras sensações que Amor excita;
Frase brutal, sem arte, e sem melindre,
Qual despejada plebe usar costuma;
Neles de Amor os gostos enxovalha
Misterioso véu, que arrancar ousam,
Com mão profana, d'ante o santuário
Que Amor encerra, e donde o deus oculto
Manda aos mortais um cento de venturas.
Deles o nume foge, e por castigo
Leva após si deleites que não provam:
Em vez de graças mil, de mil prazeres,
Priapeu tropel ímpios incensam.

Dá-me tédio a lição de escritos torpes,
Onde o prazer fugaz, lassos os membros,
Sob mil formas em vão se perpetua.
Lassos os membros, lassos os sentidos,
Debalde esgotam, sôfregos de gostos,
De impudicícia inumeráveis gestos.
Morre a chama que amor mútuo não sopra;
Como é vil a expressão, e é vil o gozo
Que uma Teresa, que outras tais francesas
Em impuros bordéis gabar se ufanam!»

Na verdade, o poeta tinha sido, em 1799, confrontado com esta questão, quando pretendeu publicar, no 2.º tomo das *Rimas*, o seguinte poema:

«Voa a Lília gentil meu pensamento
Nas asas de Esperanças sequiosas;
Amor, à frente de Ilusões ditosas,
O chama e lhe acelera o movimento.

Ígneo desejo audaz, que em mim sustento,
Mancha o puro candor das mãos mimosas,
Os olhos cor dos céus, a tez de rosas,
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito
Soa em minha alma, o coração me oprime,
E austero me recorda a lei e o rito.

Devo abafar-te, Amor, Paixão sublime?
Ah! Se amar como eu amo é um delito,
Lília formosa aformoseia o crime.»

Julião Cataldi, secretário do Tribunal do Santo Ofício, censor contumaz e moralista, insurgiu-se contra o seu teor, considerando o poema «uma injúria gravíssima ao género humano, um apelo à lascívia e uma desautorização dos santos vínculos do matrimónio, os quais Jesus Cristo firmou e consagrou com a graça e virtude de um sacramento». A réplica de Bocage, que não surtiu efeito, é elucidativa:

«Camões na Ilha dos Amores inclui imagens mais vivas, mais nuas, mais indecentes, e as belezas o salvam da acusação. O mesmo se lê em Tasso na Ilha da Armida: entre outras nota-se a estância onde diz:

Mostra il bel petto le sue neve ignude,
Onde il fuoco d'amor si nutre e desta;
Parte appar dalle mamme acerbe e crude,
Parte ancor ne ricopre invida vesta, etc.

A boa moral de Tasso consta à posteridade, a de Camões igualmente. Tais imagens brotaram sempre duma fantasia delicada e engenhosa, sem que talvez indicassem coração corrupto. A nudez das graças e a do vício diferem muito; li que sempre foi lícito ao poeta erótico exprimir neste género tudo o que pode aformoseá-lo contanto que envolva em metáforas ou alegorias o que, sem elas, fora agravante à modéstia. Parece-me que o talento não lucra pouco vencendo a dificuldade de pintar com decência o que dos génios medíocres sairia torpe.»

Bocage foi, eventualmente, o autor do primeiro manifesto feminista português, intitulado *Cartas de Olinda e Alzira*. Nele, duas mulheres, num diálogo franco que a amizade propicia, reivindicam o direito ao prazer, usufruído à revelia das regras que a sociedade unilateralmente lhes impunha, e recusam o casamento, frequentemente, nessa época, expressão de interesses materiais e de corporativismo classista:

«A Fortuna, que foi comigo larga,
Negou seus dons a meu querido amante.
Ele não conta nobres ascendentes,
De quem meus pais se dizem oriundos:
É quanto basta para erguer muralhas
De alcance, entre ele e mim, inacessíveis.
O ditoso himeneu não me é preciso,
O himeneu, aparato de teus votos,
Para entre os braços seus tecer afoita
Indissolúveis nós c’o meu Belino:
Sou dele, é meu; os homens que se ralem.»

Na verdade, Bocage já manifestara idêntico posicionamento relativamente ao matrimónio num poema que, em 1799, a Censura cortou integralmente. Recordemos um excerto:

«[...] Leitores, este regato
É a ternura inconstante,
Estas flores os prazeres
Que lucra vadio Amante.

O lodo é a triste imagem
Do pranto, do dissabor,

Dos ciúmes, das saudades
E doutros males d'Amor.

Quanto ao negregado tanque,
Presumo (aqui para nós)
Que é a prisão desses loucos,
Que dizem: 'recebo a vós'.»

Didatismo

A sede de conhecimento, que caracteriza o século XVIII em geral e o Iluminismo em particular, conduziu a um dos paradigmas da sociedade: o sábio. Paladino daquela corrente filosófica em Portugal, Bocage pugnou pelo cientismo, quer através das suas composições («Enquanto o sábio arreiga o pensamento»), quer traduzindo poemas sobre a Natureza (*As Plantas*, de Richard Castel, e *Os Jardins ou a Arte de Aformosear as Paisagens*, de Delille). Na sua homenagem ao capitão Lunardi manifestou também a sua empatia relativamente ao conhecimento:

Enquanto grito, o aéreo navegante
Seu rumo segue em plácido descanso
Munido de Ciência e de constância,
Surdo à voz do terror e da ignorância.

Recorde-se que a «Ciência» é uma das personagens do drama musicado *A Virtude Laureada*, composto, pouco antes de falecer, por encomenda de frei Mariano da Conceição Veloso. A pedagogia

está igualmente presente nas fábulas que compôs, bem como nos múltiplos textos que, por sua iniciativa, traduziu.

Censura

Bocage foi um escritor predominantemente lírico. Todavia, sendo apologista do Iluminismo, expressou também na sua poesia um desiderato: a transformação da sociedade. Tal opção colidia com os valores do Antigo Regime, que estava blindado pela Censura. Na realidade, graças à proteção de José Seabra da Silva, ministro do Reino, não foi por ela importunado até 1797, ano da sua detenção. Como o seu nome passou a constar da lista negra do regime, viu diversos textos serem recusados ou parcialmente cortados, obstrução que pode ser reconstituída pela consulta dos documentos que integram o arquivo da Real Mesa Censória, depositado na Torre do Tombo. Os três tomos das *Rimas*, os *Improvisos de Bocage na sua Mui Perigosa Enfermidade*, a *Colecção dos Novos Improvisos de Bocage na sua Moléstia* e a peça *Erícia* foram particularmente escrutinados e sujeitos a cortes.

Tendo consciência de que a publicação dos seus textos política e socialmente transgressores e os de índole erótica seriam inviabilizados, o autor, coadjuvado pela Maçonaria, fê-los circular, de forma clandestina, pelo país, inclusivamente pelas colónias, nomeadamente, o Brasil. Referimo-nos, entre outros, à «Pavorosa ilusão da Eternidade», às «Cartas de Olinda e Alzira» e aos sonetos contra o despotismo.

A censura conduz à autocensura. Esta, por sua vez, é ambivalente: embora gere angústia, force à contenção e alimente uma sensação de impotência e de revolta perante a arbitrariedade, apura o engenho do criador. Foi o caso de Bocage, que, para ludibriar os examinadores, redigiu prefácios crípticos e compôs poemas ambíguos, convicto de que alguns vindouros perspicazes compreenderiam as suas cogitações de carácter crítico e alternativo.

Influências

Os escritores latinos foram determinantes para a formação humana e estética de Bocage, destacando-se, entre eles, Virgílio e, nomeadamente, Ovídio, com quem tinha, no domínio literário e biográfico, claras afinidades. Ambos foram por ele traduzidos de forma exata e criativa. Outras influências são visíveis: Anacreonte, Homero, Camões, seu *alter ego*, e os poetas quinhentistas nacionais, como Diogo Bernardes e Fernão Álvares do Oriente; Molière e as suas sátiras; Claude Joseph Dorat, Boileau, autor da celebrada *Arte Poética*, Tasso, os libertinos franceses dos séculos XVII e XVIII, Aretino, Voltaire, Rousseau e os iluministas em geral; os escritores ingleses Alexander Pope e a feminista Mary Wollstonecraft; entre os contemporâneos portugueses, Cândido Lusitano, teorizador e mediador da cultura clássica, Pedro António Correia Garção, Cruz e Silva, Manuel de Figueiredo, José Anastácio da Cunha e António Lobo de Carvalho.

O estilo peculiar, o génio literário, a irreverência, a repressão a que foi sujeito e o drama que o envolveu conduziram a uma empatia inequívoca dos leitores. Era, na verdade, segundo o cientista prussiano Link, que, em 1797, fez um inquérito junto dos livreiros de Lisboa, o escritor mais reconhecido junto das classes letradas. O teor da nota redigida pelos Beneditinos aquando da sua chegada ao Mosteiro de São Bento, anteriormente citada, os pareceres dos censores, designadamente João Guilherme Cristiano Müller e António Álvares, os depoimentos de Francisco Solano Constâncio, António Maria do Couto, José Maria da Costa e Silva e Nuno Álvares de Pato Moniz, os poemas que lhe foram dedicados pela marquesa de Alorna e por Filinto Elísio e as listas extensas de subscritores dos três tomos das *Rimas* são elucidativos a este respeito. Delas fazem parte nomes conceituados da época: membros da primeira e da segunda nobreza, da burguesia, assim como do clero regular e secular, entre eles, curiosamente, o seu arqui-inimigo Diogo Inácio de Pina Manique. Este facto demonstra que o apreço pela obra de Bocage era transversal a toda a sociedade instruída. Com efeito, as reedições do 1.º tomo das *Rimas* rapidamente se esgotaram, o mesmo acontecendo à do 2.º tomo — publicada em 1802, quando o escritor estava, uma vez mais, detido, acusado de pertencer à Maçonaria, privação de liberdade essa que passou despercebida aos seus biógrafos — e à do 3.º tomo, que conheceu novamente os prelos pouco depois de ter falecido.

A poesia de Bocage e a sua filosofia de vida granjearam-lhe uma recetividade considerável. Imitadores do estilo e dos conteúdos multiplicaram-se, tendo o Elmanismo adquirido então um estatuto não despidendo.

A tradução

Uma vertente menos referida da obra de Bocage é a tradução, eventualmente por esta atividade, imprescindível para a concretização da comunicação humana e para o estabelecimento do diálogo universal, só, sensivelmente, na 2.^a metade do século XX ter usufruído do reconhecimento que, efetivamente, merece.

Como assinalámos, o autor apenas completou os estudos secundários. Tal facto não o impediu de ser um profundo conhecedor da cultura greco-latina e, fazendo jus às suas origens familiares, da cultura francesa, atributos evidentes nas traduções que realizou.

As edições da sua responsabilidade, editadas com a chancela da Casa Literária do Arco do Cego, caracterizam-se pelo rigor e por respeitarem escrupulosamente o original, intervindo o poeta apenas quando estritamente necessário, tendo em vista manter a fidelidade do discurso poético. Algumas são bilingues, opção na época, em Portugal, pouco frequente, que pressupõe muita autoconfiança e competência, sobretudo se tivermos em consideração que os seus inimigos contumazes da Academia de Belas-Letras estavam atentos e não perdiam a mínima oportunidade

para o menorizar e ridicularizar. Um outro aspeto notável neste domínio é a presença do leitor nas versões empreendidas por Bocage, que com ele mantém um diálogo assíduo.

Acresce ainda que Bocage teorizou a tradução — quer em verso, quer através de notas, quer em prefácios —, nos quais ponderava a pertinência das suas versões, equacionava outras hipóteses e aquilatava o labor do escritor em causa. A «Pena de Talião», sátira dirigida ao seu arquirrival José Agostinho de Macedo, constitui também um manifesto sobre a pedregosa arte de traduzir.

Bocage verteu autores gregos e latinos de vulto: Anacreonte, Bión de Esmirna, Mosco, Lucano, Ausónio, Marcial, Virgílio e, sobretudo, Ovídio — excertos de *Os Fastos* e de *As Metamorfoses*. Recorde-se, a propósito, que António Feliciano de Castilho, anos mais tarde, decidiu integrar na sua versão desta última obra os textos de Bocage, alegando que o seu rigor e criatividade eram inultrapassáveis. No que diz respeito aos escritores dos séculos XVII e XVIII, traduziu La Fontaine, Perrault, Dorat, Voltaire, Louis Racine, Jean-Baptiste Rousseau, Delille, Richard Castel, Legouvé, Madame du Bocage, José Francisco Cardoso, d'Arnaud, Dubois Fontanelle, Metastasio, Gessner e Tasso. No domínio da prosa, fez traduções de Cervantes, Le Sage, Florian, René Castel, Lacroix e Rousset, bem como um conto das *Mil e Uma Noites*, intitulado «As Chinelas de Abu-Casem», publicado anonimamente, talvez por o poeta se encontrar detido, ou devido a desinteligências com o editor Simão Tadeu Ferreira.

No século XVIII, a arte dramática era muito incentivada pelas autoridades por, alegadamente, contribuir para a correção dos costumes. Bocage afinava por idêntico diapasão: «Atentem os espíritos conhecedores de si mesmos e de uma das primeiras artes que a cena é o quadro moral do homem, que ali sem reboço cumpre exhibir seus defeitos, suas paixões, seus crimes ou suas virtudes, e pintá-lo ainda mais como é que como devera ser.»

No que diz respeito à dramaturgia, Bocage traduziu do francês *Eufémia ou o Triunfo da Religião*, obra subscrita por d'Arnaud, «uma luta vigorosa entre a religião e o amor», e *Erícia ou a Vestal*, de Dubois Fontanelle, «uma denúncia da reclusão conventual, por imposição paterna», as quais foram representadas no teatro do Morgado de Assentiz, seu dileto amigo. Verteu igualmente para o nosso idioma *Atílio Régulo*, de Metastasio, e compôs uma peça para ser musicada, *A Virtude Laureada*, publicada poucos dias depois do seu falecimento. Da sua autoria são ainda vários elogios dramáticos, dramas alegóricos e alguns fragmentos de projetos inacabados, de conteúdo afim, que se encontravam no espólio.

Parece-nos relevante mencionar a solidariedade de Bocage com os atores de teatro, então particularmente indigentes. Com efeito, ofereceu várias composições aos empresários, na condição de estes entregarem aos artistas a receita de uma sessão.

Não menos importante julgamos as suas propostas relativamente à pontuação dos textos

dramáticos, tendo em consideração a duração das pausas que deveriam ser observadas nos vários momentos da sua representação.

III — «Posteridade, és minha!»

Edições póstumas e biografias

O falecimento de Bocage desencadeou uma considerável comoção junto da comunidade letrada e daqueles que com ele conviviam na boémia. Em contrapartida, nenhuma instituição estatal mencionou aquele infausto acontecimento. A lenda em torno do escritor consolidou-se e, paulatinamente, transformou-se em mito. Com efeito, múltiplas obras poéticas de homenagem foram publicadas no espaço de dois meses, assinadas por Manuel Pedro Tomás Pinheiro de Aragão, João Miguel Coelho Borges, Manuel Inácio Nogueira, José Elói Ottoni, José Agostinho de Macedo e Francisco de Paula Medina e Vasconcelos. Por sua vez, Tomás António Santos Silva, conterrâneo do escritor e amigo da família, coordenou a *Colecção de Poesias à Memória de M. M. B. du Bocage, um dos Melhores Poetas Portugueses*. Apresentavam

um denominador comum: a chancela editorial da Imprensa Régia, graças aos incentivos de José Mariano da Conceição Veloso, seu diretor e protetor do poeta. A partir de meados do século XIX, foram dadas aos prelos várias biografias da autoria de António Maria do Couto, Vegezzi-Ruscalla, Luís Augusto Rebelo da Silva, José Feliciano de Castilho, Teófilo Braga, Olavo Bilac, Rocha Martins, Hernâni Cidade, Mário Domingues, António Gedeão, Adelto Gonçalves, J. Cândido Martins, Ana Margarida Chora e Daniel Pires.

Estátua, homenagens e comemorações

Em 1865, as comemorações do centenário do nascimento de Bocage, realizadas em Setúbal, foram concorridas. Os irmãos António e José Feliciano de Castilho propuseram, então, que ali fosse erigida uma estátua evocativa do escritor. O segundo estava radicado no Brasil e conhecia a ampla admiração que o poeta alcançou nesse país. De imediato se pôs em ação, angariando, num curto lapso temporal, os fundos necessários. Porém, inesperadamente, o banco onde a quantia estava depositada faliu. Novo peditório teve lugar. Em 1871, o monumento, da autoria de Pedro Carlos dos Reis, foi inaugurado, perante uma ampla assistência que englobava todas as classes sociais. Em representação do Governo, deslocou-se a Setúbal o marquês de Ávila e Bolama, que se distinguira negativamente, pouco antes, por ter proibido as célebres *Conferências do Casino*. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão estiveram também presentes e manifestaram com veemência o seu

desagrado nas *Farpas*, alegando que um ditador não tinha autoridade moral para homenagear um tribuno da liberdade.

O apogeu das comemorações bocagianas ocorreu em 1905, no âmbito da passagem do 1.º centenário do falecimento do autor. A cidade natal engalanou-se e os seus habitantes, libertando a imaginação e apurando o poder organizativo, evocaram profusamente o filho dileto: um desfile de carros alegóricos, edições, exposições, concursos, palestras, conferências, bem como representações teatrais e musicais tiveram lugar; foi fundado o «Instituto Bocage», que visava «prestar auxílio aos trabalhadores fisicamente impossibilitados de angariar os meios de subsistência, residentes em Setúbal há mais de 3 anos e que não [fossem] socorridos por qualquer outra forma». O Partido Republicano Português pontificou, comparecendo alguns dos seus principais tribunos (Manuel de Arriaga e Teófilo Braga, entre outros); em contrapartida, a realeza, prevendo alguma contestação, não esteve presente.

Por volta de 1922, a freguesia de S. Sebastião passou a ser denominada freguesia de Bocage, topónimo que foi revertido, no final da década de 40 do século XX, pelo Estado Novo, para o qual a personalidade irreverente e a obra alternativa do poeta não eram, obviamente, benquistas. Em 2002, teve lugar nova alteração na nomenclatura, a qual ainda se mantém: freguesia de São Sebastião/Bocage.

Novas comemorações ocorreram em 1965, aquando do bicentenário do nascimento de Bocage. Coordenadas por Hernâni Cidade, foram enquadradas pelo Ministério da Educação. Realizaram-se, além de um ciclo de conferências, coligidas, mais tarde, em livro

por Rogério Claro, algumas exposições. Em 2005 e em 2015, o autor foi também amplamente evocado, em Portugal e no estrangeiro, sobretudo em países como o Brasil, a Rússia, a Itália, a França, a Espanha e a China (Macau), tendo o Centro de Estudos Bocageanos desempenhado um papel de relevo nessa tarefa.

Artes plásticas

A fama de Bocage prolongou-se até aos nossos dias com particular intensidade. Peças teatrais e musicais, filmes, biografias, desenhos, óleos, aquarelas, medalhas e gravuras foram-lhe consagrados. A iconografia bocagiana equipara-se à de Camões e suplanta a de Fernando Pessoa. Foram sensíveis à sua obra e personalidade artistas plásticos como Júlio Pomar, Lima de Freitas, Rogério Chora, Teixeira Lopes, Stuart Carvalhaes, Júlio Castilho, Alberto Cutileiro, Mário Elói, Sá Nogueira, Henrique José da Silva, Francesco Bartolozzi, Júlio de Castilho, Júlio Gil, Alberto de Sousa, Pedro Carlos dos Reis, Luciano dos Santos, Fernando Santos, Domingos Sequeira, Vasco, Flamengo, Nuno David, António Carneiro, Teixeira Lopes, Legrand, Roberto Nobre, Caetano Alberto, Francisco Valença, João Carlos Celestino Gomes, Máximo Paulino dos Reis e Cabral Antunes.

Teatro

Luzia Maria Martins redigiu um bem tecido drama, que a Censura proibiu; Romeu Correia viu a peça que dedicou ao escritor ser parcialmente

retalhada. Outros dramaturgos apreciaram a personalidade e o talento literário de Bocage: Júlio Dantas, Fernando Cardoso, Mendes Leal, Sinde Filipe, Artur Lobo de Ávila, Herlander Machado, João Coelho dos Santos, Lopo Lauer, coadjuvado por Gil Stélio e Frederico de Brito, Eduardo Fernandes, João Coelho dos Santos, sem esquecer os brasileiros João Natale Netto e Geir Campos.

Cinema

Em 1936, Leitão de Barros, baseado num romance de Rocha Martins, realizou o filme *Bocage*, que teve uma versão espanhola — *Las Tres Gracias* — e que contou com artistas de nomeada, entre os quais João Villaret, Raul de Carvalho e António Silva. Nele colaboraram igualmente o tenor Tomás Alcaide, Pereira Coelho, Matos Sequeira e Afonso Correia Leite. Para a época foi, no domínio cénico, uma produção de relevo, facto que não impediu Alfredo Pimenta de se manifestar contra a forma como Bocage aparece retratado. O filme teve igualmente apreciável recetividade no Brasil. Em 1998, Djalma Batista Limongi realizou *Bocage ou o Triunfo do Amor*, obra esteticamente meritória. Em 2006, foi projetada na televisão uma série intitulada *Bocage*, realizada por Fernando Vendrell.

Música

Vários compositores e intérpretes musicais foram tocados pelo génio de Bocage, destacando-se,

entre eles, António Maria Eusébio (o Calafate), António Eduardo da Costa Ferreira, Frederico de Freitas, Tomás Borba, Condessa de Proença-a-Velha, Cruz e Sousa, Eduardo Fernandes (Esculápio), Gonçalves Simões, David de Sousa, Ruy Coelho, C. Calderón. Mais recentemente, António Vitorino de Almeida, Christopher Bochmann, José Afonso e Carlos do Carmo evocaram-no.

Conclusão

Bocage é uma personalidade indelével da cultura portuguesa. Autor de uma obra vastíssima, apesar de ter falecido aos 40 anos, legou-nos composições que, pela sua universalidade, depuração formal e autenticidade são intemporais. Cultivou, de forma inovadora e autêntica, a poesia, o drama e a tradução, pondo em causa cânones, aparentemente inamovíveis, contribuindo para a construção de outros mais consentâneos com o dinamismo que caracterizou a sociedade do século XVIII.

Dedicou particular atenção ao idioma nacional, como atestam a vernaculidade que transparece dos seus versos e a ênfase dada à etimologia greco-latina. Recusou os galicismos, inventou vocábulos e propôs alterações na forma de pontuar, designadamente, nos textos dramáticos.

No domínio da tradução, foi rigoroso, respeitando o texto original, intervindo apenas quando a elocução, a musicalidade ou o ritmo estavam em causa. Duas inovações suas de vulto: a publicação de edições bilingues, das quais constavam notas e prefácios que permitiam uma interação com o

leitor, e a teorização de um domínio particularmente pedregoso.

A poesia de Bocage, embora seja maioritariamente lírica, constitui um documento social relevante, estando nela presentes questões fraturantes na época: a religião punitiva, a menorização inerente a um regime opaco, monolítico e autocrata, a ausência de liberdade de expressão, o fanatismo, a superstição, o matrimónio enquanto expressão de interesses materiais, ou seja, à revelia dos afetos, e o preconceito sexual. São emblemáticos os sonetos de exaltação da liberdade, as sátiras, as cantatas («Leandro e Hero», «Inês de Castro» e «Medeia»), os idílios, os apólogos morigeradores, o primeiro manifesto feminista português, intitulado «Cartas de Olinda e Alzira», e a «Pavorosa ilusão da Eternidade». Em sintonia com os seus ideais artísticos, contribuiu decisivamente para a democratização da poesia (até então, predominantemente, na esfera da nobreza), dizendo-a também em cafés, em botequins, no «passeio público» e nos salões da burguesia, opção que foi verberada por poetas do regime.

Fascinado pela transgressão, iconoclasta, Bocage conheceu diversas vezes o cárcere e foi sujeito a uma reeducação, conduzida por duas ordens religiosas. Porém, o escritor perseverou; manietado pela Censura, recorreu à clandestinidade para expressar o seu verbo emancipador, tendo os seus manuscritos sido disseminados por todo o país, inclusive o Brasil, conduzindo a sua leitura a vários processos instaurados pela Inquisição.

O talento literário, a postura cívica interveniente, as opções de carácter social, a pobreza vivenciada, a perseguição política que o levou à

prisão, a irreverência, a ironia cáustica e o seu falecimento prematuro contribuíram para a inequívoca popularidade do escritor: artistas plásticos, dramaturgos, poetas, ensaístas, músicos, cineastas, escultores, intelectuais de diversa índole e uma parte do povo não letrado alimentaram um mito, que perdura.

Livre-pensador insubmisso, heterodoxo, Bocage foi um arauto do porvir, anunciando algumas das medidas que, mais tarde, a Revolução Liberal de 1820 e o regime republicano implementaram. E, aliando o génio poético à sede de pugnar por direitos humanos inalienáveis, ponderou questões fraturantes que continuam pertinentes na atualidade.

Bibliografia ativa de Bocage

Obras Completas de Bocage. Lisboa: Imprensa Nacional, 2016-2018, 3 vols., 4 tomos. Edição de Daniel Pires.

Opera Omnia. Lisboa: Bertrand, 1969-1973, 6 vols. Edição de Hernâni Cidade.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa: A. F. J. Lopes, 1853-1854, 6 vols. Edição de Inocêncio Francisco da Silva, 1853-1854.

Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1800 e 1799, t. 1 e 2.

Poesias de [...] Dedicadas à Ilma. e Exma. Senhora Condessa de Oyenhausen. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1804.

Bibliografia passiva de Bocage

- ARRANJA, Álvaro — *Bocage, a Liberdade e a Revolução Francesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2003.
- BILAC, Olavo, *Bocage*. Prefácio de Paulo Franchetti. Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2001.
- BRAGA, Teófilo, *Bocage, Sua Vida e Época Literária*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora, 1876.
- CHORA, Ana Margarida — *Bocage e o Oriente*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2016.
- GEDEÃO, António — *O Sentimento Científico em Bocage*. Coimbra: Atlântida Editora, 1965.
- GONÇALVES, Adelto — *Em Busca do Perfil Perdido*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- MARTINS, J. Cândido, *Para Uma Leitura da Poesia de Bocage*. Lisboa: Presença, 1999.
- NEMÉSIO, Vitorino; MENDES, João; LEMOS, Esther de — *Bocage*. Lisboa: Editorial Verbo, 1983.
- PIRES, Daniel — *Bocage ou o Elogio da Inquietude*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.

O Essencial sobre

- 1 Irene Lisboa**
Paula Morão
- 2 Antero de Quental**
Ana Maria A. Martins
- 3 A Formação da Nacionalidade**
José Mattoso
- 4 A Condição Feminina**
Maria Antónia Palla
- 5 A Cultura Medieval Portuguesa (Sécs. XI a XIV)**
José Mattoso
- 6 Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa**
Jorge Dias
- 7 Josefa d'Óbidos**
Vítor Serrão
- 8 Mário de Sá-Carneiro**
Clara Rocha
- 9 Fernando Pessoa**
Maria José de Lancastre
- 10 Gil Vicente**
Stephen Reckert
- 11 O Corso e a Pirataria**
Ana Maria P. Ferreira
- 12 Os «Bebés-Proveta»**
Clara Pinto Correia
- 13 Carolina Michaëlis de Vasconcelos**
Maria Assunção Pinto Correia
- 14 O Cancro**
José Conde
- 15 A Constituição Portuguesa**
Jorge Miranda
- 16 O Coração**
Fernando de Pádua
- 17 Cesário Verde**
Joel Serrão
- 18 Alceu e Safo**
Albano Martins
- 19 O Romanceiro Tradicional**
J. David Pinto-Correia
- 20 O Tratado de Windsor**
Luís Adão da Fonseca
- 21 Os Doze de Inglaterra**
A. de Magalhães Basto
- 22 Vitorino Nemésio**
David-Mourão Ferreira
- 23 O Litoral Português**
Ilídio Alves de Araújo
- 24 Os Provérbios Medievais Portugueses**
José Mattoso
- 25 A Arquitectura Barroca em Portugal**
Paulo Varela Gomes
- 26 Eugénio de Andrade**
Luís Miguel Nava
- 27 Nuno Gonçalves**
Dagoberto Markl
- 28 Metafísica**
António Marques
- 29 Cristóvão Colombo e os Portugueses**
Avelino Teixeira da Mota

- 30 **Jorge de Sena**
Jorge Fazenda Lourenço
- 31 **Bartolomeu Dias**
Luís Adão da Fonseca
- 32 **Jaime Cortesão**
José Manuel Garcia
- 33 **José Saramago**
Maria Alzira Seixo
- 34 **André Falcão de Resende**
Américo da Costa Ramalho
- 35 **Drogas e Drogados**
Aureliano da Fonseca
- 36 **Portugal e a Origem
da Liberdade dos Mares**
Ana Maria Pereira Ferreira
- 37 **A Teoria da Relatividade**
António Brotas
- 38 **Fernando Lopes-Graça**
Mário Vieira de Carvalho
- 39 **Ramalho Ortigão**
Maria João L. Ortigão
de Oliveira
- 40 **Fidelino de Figueiredo**
A. Soares Amora
- 41 **A História das Matemáticas
em Portugal**
J. Tiago de Oliveira
- 42 **Camilo**
João Bigotte Chorão
- 43 **Jaime Batalha Reis**
Maria José Marinho
- 44 **Francisco de Lacerda**
J. Bettencourt da Câmara
- 45 **A Imprensa em Portugal**
João L. de Moraes Rocha
- 46 **Raul Brandão**
A. M. B. Machado Pires
- 47 **Teixeira de Pascoaes**
Maria das Graças Moreira
de Sá
- 48 **A Música Portuguesa
para Canto e Piano**
José Bettencourt da Câmara
- 49 **Santo António de Lisboa**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
- 52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional
Portuguesa**
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**
Joaquim Domingues

- 62 **O Cancioneiro Narrativo Tradicional**
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **Miguel Torga**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 66 **Almada Negreiros**
José-Augusto França
- 67 **Eduardo Lourenço**
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**
Arnaldo de Pinho
- 69 **Mouzinho da Silveira**
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**
Carlos Leone
- 78 **Filosofia Política Medieval**
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 82 **Filosofia Política Moderna**
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiguidade Clássica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França

- 93 **Averróis**
Catarina Belo
- 94 **António Pedro**
José-Augusto França
- 95 **Sottomayor Cardia**
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX e XX)**
António Braz Teixeira
- 101/ **O Padre António Vieira**
- 102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária Portuguesa (até 1940)**
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política Contemporânea (1887-1939)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política Contemporânea (desde 1940)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro Infantil e Juvenil de Transmissão Oral**
Carlos Nogueira
- 112 **Ritmanálise**
Rodrigo Sobral Cunha
- 113 **Política de Língua**
Paulo Feytor Pinto
- 114 **O Tema da Índia no Teatro Português**
Duarte Ivo Cruz
- 115 **A I República e a Constituição de 1911**
Paulo Ferreira da Cunha
- 116 **O Capital Social**
Jorge Almeida
- 117 **O Fim do Império Soviético**
José Milhazes
- 118 **Álvaro Siza Vieira**
Margarida Cunha Belém
- 119 **Eduardo Souto Moura**
Margarida Cunha Belém
- 120 **William Shakespeare**
Mário Avelar
- 121 **Cooperativas**
Rui Namorado
(2.^a edição)
- 122 **Marcel Proust**
António Mega Ferreira
- 123 **Albert Camus**
António Mega Ferreira
- 124 **Walt Whitman**
Mário Avelar

- 125 **Charles Chaplin**
José-Augusto França
- 126 **Dom Quixote**
António Mega Ferreira
- 127 **Michel de Montaigne**
Clara Rocha
- 128 **Leonardo Coimbra**
Ana Catarina Milhazes
- 129 **Pablo Picasso**
José-Augusto França
- 130 **O Diário da República**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 131 **Vergílio Ferreira**
Helder Godinho
- 132 **A Companhia Nacional de Bailado**
Mónica Guerreiro
- 133 **Ballets Russes em Lisboa**
Maria João Castro
- 134 **Dante Alighieri**
António Mega Ferreira
- 135 **O Teatro de Henrique Lopes de Mendonça**
Duarte Ivo Cruz
- 136 **Mário Cláudio**
Martinho Soares
- 137 **Viana da Mota**
Bruno Caseirão
- 138 **A Língua Portuguesa como Ativo Global**
Luís Reto, Nuno Crespo,
Rita Espanha, José Esperança
e Fábio Valentim
- 139 **Teolinda Gersão**
Annabela Rita e Miguel Real
- 140 **Os Salvadores Portugueses**
Margarida de Magalhães
Ramalho
- 141 **Aristides de Sousa Mendes**
Cláudia Ninhos
- 142 **Os Portugueses no Sistema Concentracionario do III Reich**
Fernando Rosas (coordenação),
Ansgar Schaefer, António
Carvalho, Cláudia Ninhos
e Cristina Clímaco
- 143 **A Seara Nova**
Luís Andrade
- 144 **O Diário de Lisboa**
Cláudia Lobo
- 145 **Charles Baudelaire**
Jorge Fazenda Lourenço
- 146 **Ruben A.**
Fernando Pinto do Amaral
- 147 **Hamlet**
Maria Sequeira Mendes
- 148 **Constituição de 1822**
António Pedro Barbas Homem
- 149 **As Três Marias**
Joana Meirim
- 150 **Philip Roth**
Mário Avelar

O livro **O ESSENCIAL SOBRE
MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE**

é uma edição da

IMPRESA NACIONAL

tem como autor

DANIEL PIRES

edição de

SUSANA ARNAUD

revisão de

SANDRA COSTA

paginação de

MARCO CARVALHO

design e capa do ateliê

SILVADESIGNERS

Tem o ISBN 978-972-27-3109-6

e o depósito legal 515 207/23.

A primeira edição

acabou de ser impressa no mês de junho

do ano **DOIS MIL E VINTE E TRÊS**

na **IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA.**

CÓD. 1026088

Imprensa Nacional

é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

impresanacional.pt

loja.incm.pt

facebook.com/ImprensaNacional

instagram.com/impresanacional.pt

editorial.apoiocliente@incm.pt

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O E S S E N C I A L S O B R E

Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Daniel Pires

A obra poética de Bocage é emblemática: com efeito, os sonetos líricos, eróticos e de exaltação da liberdade, as cantatas, as sátiras, as fábulas, a seminal «Pavorosa ilusão da Eternidade» e o primeiro manifesto feminista português («Cartas de Olinda e Alzira») fizeram escola e, considerando o apuro formal, a autenticidade e o universalismo que encerram, são considerados paradigmáticos. O talento literário, a postura cívica interveniente, as opções de carácter social, a pobreza vivenciada, a perseguição política que o levou à prisão, a irreverência, a ironia cáustica e o seu falecimento prematuro contribuíram para a inequívoca popularidade do escritor: artistas plásticos, dramaturgos, poetas, ensaístas, músicos, cineastas, escultores, intelectuais de diversa índole e o povo em geral alimentaram um mito, que perdura.

ISBN 978-972-27-3109-6



9 789722 731096

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO